

O Grande Nanico Piauiense: Chapada do Corisco¹

Marcela Miranda Félix dos REIS²

Resumo: De caráter inovador e contra hegemônico, o jornal piauiense Chapada do Corisco marcou a história do jornalismo e promoveu através do humor, o riso da consciência e resistência aos atos repressores impostos pelo regime ditatorial. Intitulado como jornal alternativo, o Chapada do Corisco surgiu em 1976 com o propósito de manifestar indignação frente à censura desmedida que sufocava os meios de comunicação. É nesse contexto que o presente artigo visa analisar a atuação desse jornal, tendo como base as discussões levantadas por autores como Bernardo Kucinski, José Luiz Braga, George Duby, dentre outros autores.

Palavras-chave: jornalismo alternativo; Chapada do Corisco; ditadura militar

Resumen: Este innovador y contra hegemónica, el periódico Piauiense Chapada do Corisco marcado la historia del periodismo y promovido a través del humor, la risa de la conciencia y la resistencia a las acciones impuestas por el régimen dictatorial represivo. Titulado como el periódico alternativo, la Chapada do Corisco surgió en 1976 con el propósito de expresar su indignación en contra de la censura desenfadada que sofocaba los medios de comunicación. Es en este contexto que este artículo pretende analizar el rendimiento de este periódico, sobre la base de las discusiones planteadas por autores como Michel de Certeau, Bernardo Kucinski, José Luiz Braga, George Duby, entre otros autores.

1 Artigo científico apresentado à Revista Brasileira de História da Mídia, Rede Alfredo de Carvalho, em março de 2012.

2 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Piauí-Brasil. Pesquisadora do NUJOC-Núcleo de Pesquisa em Jornalismo e Comunicação DCS-CCE-UFPI. Especialista em Comunicação e Linguagens e Graduada em Comunicação Social pela mesma instituição. Também Licenciada em História pela Universidade Estadual do Piauí-Brasil. marcela.jor@hotmail.com

Palabras clave: periodismo alternativo, Chapada do Corisco; ditadura militar

Contextualizando o momento

A ditadura militar teve início no ano de 1964 e na década de 1970, o clima ainda era efervescente e a censura vigorava. No governo de Emílio Garrastazu Médici, conhecido popularmente como anos de chumbo (1969-1974), os jornais, revistas, livros, peças de teatro, filmes, músicas e outras formas de expressão artística tem sua liberdade de expressão sufocada. Por outro lado, o país sofre um crescimento econômico significativo. Os órgãos de imprensa, intimidados pelo regime, enaltecem esse crescimento econômico e a propaganda governamental funcionava eficientemente. No governo de Ernest Geisel (1974-1979), o índice de insatisfação popular é altíssimo, o país passa por crises econômicas e especificamente no ano de 1975, o jornalista Vladimir Herzog é assassinado, nas dependências do Departamento de Operações e Informações – Centro de Operações de Defesa Interna em São Paulo, e outras mortes acontecem. Fatos como esse revelam o quanto o processo de repressão aos meios de comunicação era intenso.

No Piauí a situação não era muito diferente, embora a máquina repressora fosse mais “suave”, os interrogatórios eram constantes. Por meio de eleições indiretas, o engenheiro Alberto Silva assume o governo do Estado no dia 15 de março de 1971, dando início a uma série de reformas, construções e criação de órgãos e projetos sociais. O mandato é marcado por grandes obras, como a reforma do Hospital Getúlio Vargas, construção de estradas e do estádio Albertão. O momento era singular porque o país, mesmo mergulhado em um regime ditatorial, vivia um clima de otimismo em virtude do “Milagre Econômico”, que paradoxalmente promovia avanços na economia brasileira, mas a pobreza e concentração de renda continuavam a aumentar. Para mascarar essa realidade, o governo promovia campanhas positivas enaltecendo o patriotismo, o esporte marcado principalmente pelo futebol brasileiro e o bom desempenho da Copa do Mundo de 1970 e lançando o lema “Brasil: ame-o ou deixe-o”.

Os jornais locais não falavam de outra coisa, dentre suas matérias, a maioria retratava as ações do governo federal que fomentava o desenvolvimento do país e as inaugurações das obras do governo. Contudo, os

meios de comunicação viam-se limitados por uma censura imposta pelo governo que os impedia de divulgar fatos negativos que manchassem a imagem do governo.

Um dos jornais da época de grande circulação no estado era O Dia, que claramente assumia papel aliado ao governo. As matérias publicadas pelo jornal eram geralmente favoráveis ao governo. Como enfatiza Braga (1991), o governo militar impõe um discurso que valoriza a estabilidade, a disciplina, o planejamento, como fatores determinantes para o desenvolvimento do país.

Um favoritismo resultante de uma relação do governo com os proprietários do jornal. Arnaldo Albuquerque³, chargista do jornal na época, afirmou que o editor-chefe mesmo constrangido era quem censurava as matérias, isso porque o editor tinha que seguir as determinações do proprietário do jornal. Algo que não acontecia somente como o O Dia, muitos dos jornais brasileiros que se alinhavam ao governo tinham interesses econômicos presentes, a questão empregatícia era o peso maior que influenciava diretamente na autocensura. Segundo Barbosa (2007),

Parece demasiadamente simplista explicar essa falta de envolvimento contra o cerceamento da liberdade de imprensa e a ampla inclusão e aderência ao regime autoritário por uma espécie de medo prévio da censura. Preferimos acreditar que, tal como estamos mostrando, historicamente o jornalismo e os jornalistas se imiscuem às cercanias do poder, procurando benesses daí advindas. A construção de defensores do bem comum, dos interesses públicos, das liberdades democráticas é muito mais um efeito discursivo – do que, de fato, se configura na prática (2007, p.192-193)

Mas alguns casos se sobressaem da maioria, as charges e quadrinhos de Arnaldo por vezes conseguiam driblar essa censura interna que ocorrida na redação do jornal. No jornal O Dia de 21 de janeiro de 1972 foi publicado uma tirinha em que Alberto Silva é chamado de Aero-Silva, associando-o a um avião. Na mesma data, o jornal havia publicado uma matéria “Alberto não viaja mais para Israel”. Naquele período o governador realizara muitas viagens e Arnaldo no quadrinho chama atenção para este fato. Resultado: acabou sendo interrogado

3 Arnaldo Albuquerque, em entrevista concedida a Marcela Miranda Félix dos Reis no dia 14 de julho de 2006.

pela polícia e a censura se tornou mais rigorosa no jornal. “Só depois que fui chamado à polícia, não poderíamos fazer nada que parecesse com a ditadura. O Wanderley que era o editor fazia certa censura, por mais que ficasse constrangido, mas ele tinha que obedecer ao dono do jornal”, relata Arnaldo Albuquerque.

Tais restrições e limitações temáticas partiam do próprio editor. O que remete a uma autocensura. Bernardo Kucinski (1999) chama atenção a este fato, em que a censura não era tão cruel e violenta como se mitificava. O que acontecia era um processo de intimidação que nem sempre levava prisões e torturas. É também o que Braga (1991) ressalta de “grande lei das aparências”, onde o governo aparenta respeitar a liberdade de imprensa e não gostaria de assumir explicitamente a aparência autocrática. Daí, então, ser tão discreta, mas ao mesmo tempo eficaz, pois a boa imagem do governo e governador estavam acima de tudo.

No intuito de se libertar dessa censura e autocensura eis que surgem os jornais alternativos que buscaram de varias formas exprimir o seu estado de indignação frente às situações de repressão e falta de liberdade em uma sociedade sufocada pelo regime militar.

O diferencial do Jornalismo Alternativo

Após o golpe de 1964, a imprensa passa por modificações significativas, uma delas é o desaparecimento do jornalismo político-partidário e militante. Na década de 30 e 40, por exemplo, vários eram os jornais, dentre eles, O Tempo – jornal político ligado ao Partido Nacional Socialista, O Momento – jornal político ligado ao Partido Social Democrata, A Resistência, A Libertação e muitos outros de cunho político. Quando se aproxima da década de 60 e principalmente após o golpe, muitos jornais saem de circulação e se tornam jornais de caráter informativo.

Considerando a existência de grupos que não tinham ou perderam seu espaço para manifestação de suas ideias e o empobrecimento dos conteúdos dos jornais e da televisão em consequência da censura, do alinhamento das empresas com o regime e de uma produção dirigida ao consumo de massa, surge a imprensa alternativa, que busca superar o controle da palavra pelo poder econômico.

Chamada alternativa ou nanica, essa segunda expressão é dada pelo formato reduzido destes jornais e à

estrutura de pequena empresa, que não dispunham de grandes recursos financeiros e incentivos governamentais, o jornalismo alternativo é marcado pela liberdade de expressão. Segundo definição do Fórum de Mídias Alternativas da Argentina citada pelo Moraes (2008),

Comunicação alternativa é aquela que atua como uma ferramenta para a comunicação no campo popular, sem deixar de lado a militância social, ficando implícito que jornalista e/ou comunicadores devem estar dentro do conflito, sempre com uma clara tendência a democratizar a palavra e a informação (...) Os veículos devem ser independentes do governo, do Estado e das corporações, sujeitando-se especificamente “a um projeto de transformação social” (2008, p.44)

Braga (1991) aponta que a imprensa alternativa preenche um espaço vazio deixado pelas grandes empresas em virtude das condições políticas dos anos 70, e mais “a repressão feita pelo regime sobre a imprensa em geral criou as condições nas quais estes jornais ocuparam um espaço deixado vazio pelo conformismo dos grandes jornais” (1991, p.236).

A imprensa alternativa tem como características principais um conteúdo crítico, analítico e denunciativo, a falta de organização empresarial e hierarquia, a predominância do gênero opinativo nas matérias, uma equipe diversificada de colaboradores e de curta duração.

Segundo Kucinski (1999), foram cerca de 150 periodicos que surgiram durante a ditadura militar com este perfil. E se distinguiam em duas correntes: uma de caráter ideológico-político e outra de crítica cultura e de costumes. A revista Pif-Paf de Millôr Fernandes foi a pioneira nesse processo alternativo, em 1964. Em seguida, foi a vez do O Pasquim em 1969, que se tornou referência para os demais jornais alternativos que vieram surgir em vários cantos do país, inclusive para o Chapada do Corisco.

Referência nacional para muitos jornais alternativos brasileiros, inclusive para o Gramma e Chapada do Corisco, o Pasquim surge em junho de 1969 em meio a uma conversa em mesa de bar, que reunia Jaguar, Tarso de Castro, Sérgio Cabral, Claudius, Carlos Prosperi e Luiz Carlos Maciel. A proposta do grupo era fazer um jornal inteiramente diferente, utilizando-se do humor e

de críticas aos costumes da classe média. A Distribuidora Imprensa financiava a produção e distribuição do jornal e o local de trabalho. O grupo de jornalistas entrava com o trabalho.

A primeira edição lançada no dia 26 de junho de 1969 no Rio de Janeiro, com a tiragem de 20 mil exemplares, esgota-se. O jornal dura até 1985 e chega à tiragem de 200 mil exemplares, o que reflete a boa aceitação do público.

O Pasquim inicia como um jornal de costumes, depois é que se torna um jornal político. O jornal abordava temas diversos, onde cada autor escolhia o que ia escrever. Dentre as matérias regulares estão entrevistas, dicas, frases de capas. Muitas delas ficaram famosas como a entrevista com Leila Diniz recheada de palavrões, simbolizados por um asterisco entre parênteses pois o jornal publicava a entrevista do jeito que se fala, eles não mudavam nada. O Pasquim renovou não só no estilo de publicar as entrevistas, mas também na escrita jornalística, a fala, o desenho e o humor brasileiro.

Essa renovação de texto, a criatividade compulsiva dos desenhos, a satisfação na busca das entrelinhas e dos asteriscos; o risco vingador das opressões crescentes; o sucesso de público – o néctar de ser apreciado, curtido e admirado – e o sucesso financeiro da empreitada; tudo isso faz do Pasquim uma alegria. (BRAGA, 1991, p.32)

O Pasquim surge num período tido como “vazio cultural” porque depois que o AI-5 foi implantado em 1968, o país teve uma baixa produção cultural, devido à oferecendo uma produção inovadora, criativa e crítica. Dessa forma, o jornal apresenta-se em três perspectivas críticas: contra o regime, contra os comportamentos da classe média moral e contra a grande imprensa. É um jornal cultural, que tem, geralmente, cômico público-leitor estudantes, professores, profissionais liberais.

Sua influência nos outros jornais não se deu à toa. Sua inovação na linguagem, no editorial, um jornalismo e um humor capaz de driblar as forças coercitivas, acabou por estimular a produção de muitos outros como também o apoio e admiração.

Diante desse panorama nacional de publicações alternativas, percebe-se que o jornalismo alternativo surgiu no Estado do Piauí tardiamente, enquanto que nos

outros estados, tais veículos surgiram ainda na década de 60, no Piauí eles surgiram somente na década de 70, precisamente em 1972 com o jornal Gramma, e em 1977, com o Chapada do Corisco.

O jornal Gramma foi o primeiro mimeografado alternativo do Piauí, lançado em março de 1972 e de curta duração, existindo apenas dois exemplares. Ambos tiveram uma tiragem de mil exemplares. A equipe do jornal era composta pelo cartunista Arnaldo Albuquerque, Paulo José Cunha, Carlos Galvão, Edmar Oliveira, Durvalino, Haroldo Barradas, Torquato Neto, Marcos Igreja, Francisco Pereira, Geraldo Borges, Rubem Gordo e Noronha. Assim que foi lançado o jornal teve problemas com a polícia federal que questionou sobre uma ilustração intitulada “Nunca haverá um país como este”.

Essa intervenção da polícia não impediu que o jornal circulasse, ninguém foi preso ou punido, era mais para se ter um controle do que estava circulando nas ruas e também para deixar claro aos organizadores do jornal a presença da polícia, que estaria monitorando o jornal.

O Gramma era feito sem nenhum planejamento ordenado. Os colaboradores reuniam-se na casa de um ou de outro, não dispunham de recursos financeiros, materiais e nem de um plano de divulgação e distribuição. Seu intuito era de chamar atenção da sociedade, principalmente os jovens, para questões culturais e políticas, e demonstrar que não eram alinhados ao regime militar. Arnaldo Albuquerque que também fez parte da equipe do Gramma afirma “nosso ego era muito excitado, nós nos sentíamos o máximo porque a gente fazia muitas críticas, éramos bem provocativos”.

O grande nanico: Chapada do Corisco

O Chapada do Corisco surgiu em setembro de 1976, durou cerca de nove meses e era composto por Albert Piauí, Paulo Henrique Machado, Dodô Macedo (cartunista), Assai Campelo, Jorge Riso (fotógrafo), Joao de Lima (cineasta), Arnaldo Albuquerque (cartunista), Fábio Torres (ilustrador), Alberoni Lemos, Lapi (correspondente do Rio de Janeiro), João Antônio (correspondente do Rio de Janeiro) e Wander Piroli (correspondente de Minas Gerais).

Cineas Santos⁴, idealizador do jornal ressalta que na época havia muitos jornais alternativos no Brasil, “havia o jornal De fato, o Co-jornal do Rio Grande do Sul,

Selva no Acre, o Pasquim. Com esses jornais havia um intercambio, nós mandávamos exemplares e recebíamos deles”. Para ele, a motivação da criação do jornal deu-se por conta do momento histórico “a gente vivia o regime militar, havia a imprensa grande que não noticiava o que interessava pra gente e aí veio essa febre de jornais, como o João Antonio chamava de “jornais nanicos”, um movimento de época mesmo ligado à conjuntura política, cultural do país”.

O jornal tinha uma tiragem de mil a dois exemplares, a definição de seu público-alvo dava-se por um público alternativo que fazia oposição à ditadura. O seu perfil editorial incluía poesia, conto, matérias sobre a cidade, entrevistas, charges, cartuns e cultura. Um dos traços característicos dos dois jornais é justamente a forte presença de imagens, sejam cartuns, charges, desenhos. No Chapada do Corisco os temas abordados nas charges sempre estavam ligados ao momento político.



Fonte: Acervo do Núcleo de Pesquisa em Jornalismo e Comunicação - UFPI

A relação do Chapada com outros meios de comunicação não era muito boa. “Os jornais, via de regra, sacaneavam conosco. O Pompílio Santos⁵ escreveu uma vez um editorial dizendo que o jornal era um conservador, alienado, que o nome do jornal devia ser Corisco”
5 Jornalista do Jornal O Dia na época.

4 Cineas Santos, em entrevista concedida à Marcela Miranda Félix dos Reis no dia 29 de junho de 2006.

na Chapada e não Chapada do Corisco, até o nome era ruim”, relembra Santos. Tal crítica revela até que ponto o jornal incomodava a grande imprensa.

A maior dificuldade do jornal dava-se por questões financeiras e estruturais, não havia uma organização, local de trabalho adequado e verbas para financiar o jornal, quem financiava era o próprio Cineas Santos. Segundo ele, o jornal dava muito prejuízo por isso não teve condições de dar continuidade. A sua impressão era feita na gráfica Prelo e a diagramação, capa e algumas ilustrações quem fazia era Albert Piauú manualmente.

Por muitas vezes, a polícia questionava as produções do jornal, mas em momento algum chegou a sofrer repressões severas ou ter o material censurado, impedido de circulação. Santos relata como acontecia a intervenção da polícia:

O jornal até tinha muitos problemas com a censura, toda vez que o jornal saía a polícia federal ia lá em casa me procurar. A pergunta sempre era a mesma: quem bancava o jornal? Quem estava se escondendo sob o pseudônimo de Chicote? E queria até saber quem se escondia com o pseudônimo Wander Piroli, eles achavam que Wander Piroli não era nome do autor e sim um pseudônimo e então tinha problemas.

Quanto ao nível de aceitação, em seu espaço “Cartas” o leitor manifestava sua opinião a respeito da edição anterior ou de qualquer outro ponto que quisesse divulgar seu ponto de vista. Bastante positiva, a aceitação do público dava-se não somente entre leitores teresinenses, mas também de piauienses que moravam em outros Estados ou que tiveram acesso ao jornal por meio de correspondência. A seguir vem o conteúdo da carta de José Louzeiro do Rio de Janeiro veiculada no Jornal Chapada do Corisco nº08 que revela o grau de indignação dos leitores com a posição adotada pelos grandes meios e também tece elogios pela originalidade e coragem dos que fazem o Chapada:

Caro amigo Cineas Santos:

Recebi e agradeço pelo “Chapada do Corisco”. É uma boa. Quem não tem cão caça com gato. O importante é não seguir o exemplo dos acovardados, dos intelectuais a serviço do sistema, que vivem de

braços cruzados e reclamando da vida, embora um tanto envergonhados. Achei um ótimo tablôide.

O espaço de manifestação do leitor é de suma importância uma vez que permite um estudo da opinião pública. Esta reflete uma pluralidade de opiniões particulares ligadas ao contexto no qual estão inseridas. A análise de cartas como essa permite não apenas saber como os acontecimentos ocorreram, mas também como foram percebidos. Essa boa relação com os leitores e também com jornais alternativos de outras regiões garantia credibilidade e força ao movimento. Um amparava-se no outro, não era mais um esbravejar solitário e sim um grupo de insatisfeitos que objetivavam criticar os fatos.

O discurso da resistência

Os jornais surgem no intuito de “estrebuchar” e “zorrear”⁶, onde ambos buscam movimentar a sociedade e chamar atenção para a omissão de determinados fatos. Tendo como base as reflexões de Ricoeur (2010), a narrativa empregada nos jornais consistem numa representação da realidade em curto prazo. Ao tê-la como objeto de análise parte-se para uma explicação histórica que reconhece a intriga e as intencionalidades presentes na narrativa. Para ele, o historiador deve reconhecer o elo que liga a realidade e sua representação, a objetividade dos fatos e as subjetividades da narrativa dos fatos. “A intriga é pois um conjunto de combinações através do qual os acontecimentos são transformados em história ou uma história é tirada de acontecimentos” (RIBEIRO; FERREIRA, 2007, p.20)

Pela perspectiva de Ricoeur podemos considerar a censura como a intriga que conduz o surgimento de jornais alternativos, que alimenta o movimento de resistência e traz para si o olhar da história, que faz que com os fatos ganhem narrativas. As matérias do Chapada do Corisco muito bem elaboradas, mesmo com falta de recursos materiais e financeiros eram bastantes informativas e discutiam diversos temas da sociedade.

O humor visual nas produções alternativas teve grande destaque. Como fora citado por Braga (1991) “Censurar o implícito exige uma finura de olhar que falta aos censores” concedeu às charges um papel importantíssimo uma vez que elas conseguiam muito 6 Estrebuchar, como afirma Arnaldo Albuquerque, no sentido de agitar, movimentar. E zorrear, como afirma Cineas, no sentido de fazer barulho.

bem driblar essa censura de maneira brilhante, pois ao mesmo tempo que promovia o riso, também passava a mensagem de forma clara e direta e sensibilizava o leitor para determinadas questões, que deveriam ser discutidas, pensadas e/ou repensadas. E mais, as charges eram um dos recursos atrativos do jornal, que numa primeira instância dava um ar de leveza aos jornais, mas que analisados profundamente percebia-se a densidade de seu discurso, o quanto as mensagens eram reveladoras e críticas. Segundo Déa Fenelon, essas novas fontes precisam ser desvendadas para delas extrair o não dito, as entrelinhas e aquilo que potencialmente permite olhares e leituras diversas (1993, p.77).

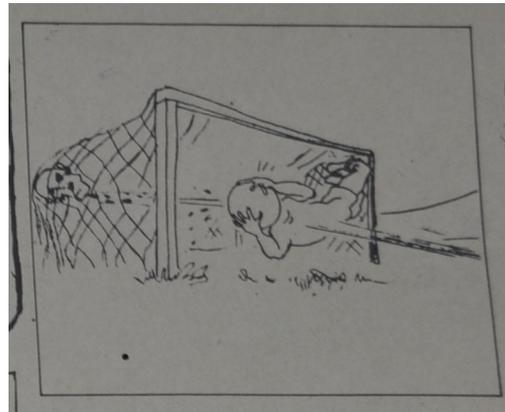
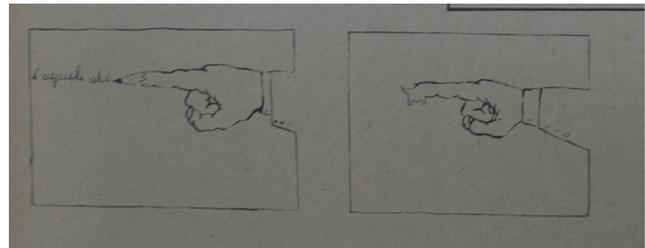
Elaborar uma charge, caricatura, cartum ou quadrinho exige uma técnica muito aguçada do chargista que é o olhar crítico sobre a realidade que o cerca e o seu poder de síntese. Elas devem sintetizar ideias e argumentos sobre o debate político. Conforme Motta o humor visual

(...) possui notável poder de comunicação, pois tem a faculdade de fazer as mensagens chegarem ao público receptor de modo rápido e impactante. O segredo está na capacidade das imagens de sintetizar ideias e conceitos, o que explica a velocidade e a força de seu impacto, efeitos que a palavra não consegue produzir em intensidade equivalente (...) A força do riso como arma na luta política, recurso utilizado para enfraquecer a posição dos adversários, é conhecida desde a Antiguidade. (2004, p.181)

Um dos fatores que consolidaram a caricatura e fez dela uma arma tão temida, é justamente o fato de ela poder apresentar um líder político em traços ridículos, como meio de desmoralizá-lo. O humor geralmente está ligado a uma operação mental de rebaixamento do outro, da pessoa objeto do riso. Apontar defeitos ou falhas ou apresentá-lo em situação ridículas realça suas fraquezas. Dessa forma, geralmente adversários políticos é que são expostos desse modo. O humor visual muitas vezes é marcado apenas pelas imagens engraçadas a si mesmas, onde não utilizam o texto ou legenda para repassar a ideia proposta. É o que Braga (1991) ressalta,

uma das tendências do humor “puro”, sem apoio de texto, é o humor sofisticado, com uma perspectiva mais próxima da criação artística do que da sátira jornalística. Esse humor gráfico solicita um olhar

refinado e visa mais ao sorriso que ao riso (1991, p.162).

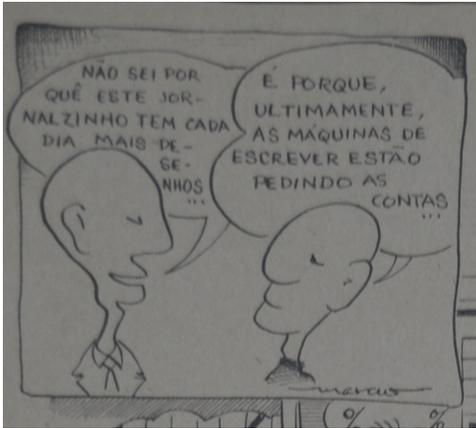


Fonte: Acervo do Núcleo de Pesquisa em Jornalismo e Comunicação - UFPI

Acima, dois exemplos de humor sofisticado presentes nas páginas do Chapada do Corisco. A primeira imagem de autoria do chargista Albert Piauí chama atenção para o poder da escrita, de informar, apontar erros e acertos, mas que num segundo momento se vê engessada ou melhor presa, meio que por uma cola, que os impede de escrever, fazendo alusão a censura, a falta de liberdade de expressão vigente naquele período. A segunda imagem é do cartunista Arnaldo Albuquerque, com traços simples e humor aguçado, a imagem critica a forma como o futebol era utilizado naquela época para cegar a sociedade. No lugar da cabeça, uma bola vazia, em que o crânio se vê arremessado por um gol. Naquele período, o esporte, principalmente o futebol brasileiro era amplamente divulgado pelo governo como meio de enaltecer o patriotismo e de uma certa forma desviar a atenção dos atos repressores e abusivos do regime militar.

As charges nesse período são fundamentais, como também verdadeiros instrumentos de resistência, uma vez que conseguem driblar as forças coercitivas do aparelho censor. Na figura abaixo, os traços simples e o diálogo carregam o peso da crítica, em que os autores explicam o porquê do formato do jornal, da predominância

de elementos do humor visual e mais uma vez a presença constante da censura.



Fonte: Acervo do Núcleo de Pesquisa em Jornalismo e Comunicação – UFPI

Conclusão

O Chapada do Corisco como a maioria dos jornais alternativos brasileiros teve curta duração. Ele deixa de existir por causa do desmembramento do grupo em que integrantes passam a morar em outros Estados e também devido a falta de organização empresarial, delimitação de funções e recursos financeiros. Como Cineas diz

o jornal não tinha um corpo organizado, a gente fazia quando podia, todo mundo trabalhava, era uma coisa complicada. E também eram muitos meninos, os mais velhos eram eu, Albert e Assaí, os outros eram muito jovens. Era difícil definir pauta, não havia disciplina, espaço específico e a redação, a gente fazia mesmo na garagem.

Geralmente os jornais não contavam com essa hierarquização que por um lado soava como positiva porque dava liberdade na hora de produzir, mas por outro lado era negativo porque o lado econômico deixava a desejar. Como produzir com qualidade e liberdade sem estar preso às leis de mercado? Esse é um dos questionamentos que muitos jornalistas se indagam frente a essa realidade. Isso porque em um período conturbado, repressivo, jornalistas provaram como fazer um jornalismo de qualidade, informativo e criativo sem muitos recursos financeiros.

É claro, que uma das características principais dos jornais alternativos, também é a sua curta duração, mas ela não se explica somente pela falta de infraestrutura. Aqui, o contexto histórico fala mais alto.

Conforme Romancini e Lago traçam a produção da imprensa alternativa no país durante o regime militar, o movimento alternativo surge tarde no Piauí. Enquanto que nas regiões Sul e Sudeste os jornais alternativos surgem na década de 60 e tem seu fim no início da década de 70, somente a partir de 72 é que a produção alternativa se manifesta na imprensa piauiense. Algo que pode ser explicado por um afrouxamento dos instrumentos censuradores que permitiram o surgimento de vários jornais.

Para eles, o fim da imprensa alternativa no ano de 1981 marcada pela debilidade financeira dos veículos, as ações repressivas para intimidar e, principalmente, as mudanças no contexto social e abertura política que caminhava para o fim da ditadura, faz com que os jornais percam sua identidade, seu lugar social. “O modelo alternativo passa a ser feito em veículos de sindicatos, movimentos populares e associações da sociedade civil” (2007, p.150)

Fato é que esses jornais alternativos, em especial o Chapada do Corisco, exerceram papéis importantes na sociedade teresinense. Apesar da curta duração, suas contribuições marcaram a sociedade de forma criativa e dinâmica no ato de informar, entreter e comunicar. Tais jornais ofereceram a seus colaboradores espaço livre para manifestarem o livre pensar. Produziram matérias bem elaboradas, informativas e que discutiam temas diversos.

Na história do jornalismo, o movimento do jornalismo alternativo espalhou-se por todo o Brasil, ganhando força na metade da década de 60 e chegando ao fim na década de 80. De caráter provisório, tais jornais são ligados ao momento político. A cada contexto em que surgem os jornais daquela época, assim como ocorreu na ditadura militar, no estado novo e outros momentos. Contudo, após o período de democratização eles enfraquecem e hoje o jornalismo de oposição e resistência (duas características presentes nos alternativos) assume outros modelos.

Para Duby, “o ajustamento produz-se ao fim de um prazo por vezes bastante longo e sempre parcial” (1995, p.138). Foram quinze anos de ditadura militar, as ideologias dominantes para se manterem, se transforma-

ram, a ditadura militar enfraquece e a sociedade exige por mudanças.

O seu fim não representa uma derrota, na verdade, consiste muito mais numa escolha, em que perceberam o momento de parar, de buscar outros horizontes, outras lutas. Pode de certa forma ser considerado uma vitória porque a causa maior que movia esses jornais foi alcançada. A liberdade de expressão esteve presente em suas paginas, eles fizeram-se entender, promoveram a comunicação.

Referências

ALBUQUERQUE, Arnaldo. Entrevista concedida a Marcela Miranda Félix dos Reis em 14 de julho de 2006.

BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

_____. Meios de comunicação e história: um universo de possíveis. In: RIBEIRO, Ana Paulo Goulart; FERREIRA, Lucia Maria Alves (orgs.) *Mídia e Memória: a produção de sentidos nos meios de comunicação*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BRAGA, José Luiz. *Pasquim e os anos 70: mais pra epa do que pra oba*. Brasília: UNB, 1991.

BRANCO, Edwar A. Castelo. *Todos os dias de paupéria: Torquato Neto e a invenção da Tropicália*. São Paulo: Annablume, 2005.

DUBY, Georges. História social e ideologias das sociedades. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História – Novos Problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

FENELON, Déa R. Cultura e História Social: historiografia e pesquisa. In: *Projeto história*. São Paulo: PUC, 1993.

JORNAL CHAPADA DO CORISCO. Teresina, ano 01, nº05, 1977.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e Revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo; EDUSP, 1999.

MORAES, Dênis de. Comunicação alternativa em rede e difusão contra-hegemônica. In: COUTINHO, Eduardo Granja (org.). *Comunicação e contra-hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. João Goulart e a crise de 1964 no traço da caricatura. In: REIS, Daniel; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo P. Sá (org.). *O golpe da ditadura militar: quarenta anos depois (1964-2004)*. Bauru: EDUSC, 2004.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Campinas: Papirus, 1994.

ROMANCINI, Richard; LAGO, Cláudia. *História do Jornalismo no Brasil*. Florianópolis: Insular, 2007.

SANTOS, Cineas. Entrevista concedida a Marcela Miranda Félix dos Reis em 29 de junho de 2006.

Recebido: 26/03/2012

Aprovado: 27/04/2012